

N. CLASS. M 302.234
CUTTER 558 p
ANO/EDIÇÃO 2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS - UNIS-MG
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM
JORNALISMO
LEONARDO DE JESUS

O POLITICAMENTE CORRETO NAS REDES SOCIAIS: uma
análise discursiva

Varginha
2017

FEPESMIG

LEONARDO DE JESUS

**O POLITICAMENTE CORRETO NAS REDES SOCIAIS: uma
análise discursiva**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS-MG como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel, sob orientação da Profª Ma. Carina Adriele Duarte Melo.

**Varginha
2017**

LEONARDO DE JESUS

**O POLITICAMENTE CORRETO NAS REDES SOCIAIS: uma
análise discursiva**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Comunicação
Social com habilitação em Jornalismo do
Centro Universitário do Sul de Minas –
UNIS-MG como pré-requisito para
obtenção do grau de Bacharel, sob a
orientação do Prof^a Ma. Carina Adriele
Duarte Melo.

Aprovado em 7/12/2017



Prof^a Ma. Carina Adriele Duarte Melo



Prof^a. Dr^a Flaviane Faria Carvalho



Prof^a Ma. Humberta Gomes Machado Porto

Dedico esse trabalho aos que ajudaram em sua produção e que confiaram em mim, possibilitando-me crescer como profissional e ser humano.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo amor, confiança e incentivo. Aos professores pelo suporte e por acreditarem no potencial de cada um de nós.

“Um homem não está acabado quando enfrenta a derrota. Está acabado quando desiste.”

– Richard Nixon

RESUMO

Esta monografia, “Análise do discurso politicamente correto nas redes sociais: uma abordagem da ideologia”, discorre sobre o emprego na linguagem politicamente correta e sua influência na sociedade, tomando o âmbito das redes sociais, em especial o Facebook, como recorte. Na contemporaneidade, qualquer indivíduo pode expressar suas opiniões e ideologias. No meio cibernético, não há praxe. Não existe delimitação acerca do que é tido como correto, aceitável ou sensato. As convicções de cada um são demonstradas abertamente. Uma tendência, porém, nomeada de “politicamente correto”, pressupõe neutralidade e abstenção ao tratar vários assuntos, buscando, ao mesmo tempo, disseminar padrões comportamentais e de entendimento. As redes sociais, hoje abrangentes, se fazem palco para muitos destes debates, em que o lado vitorioso, se houver, depende do apoio dos internautas on-line, atuando como plateia efervescente. Na pesquisa, serão empregadas as metodologias bibliográficas, baseando-se no conhecimento existente sobre o tema, e a qualitativa, analisando os noticiosos e as discussões ambientadas no Facebook.

Palavras-chave: Politicamente Correto. Redes Sociais. Análise de discurso.

ABSTRACT

This monograph, "THE POLITICALLY CORRECT IN SOCIAL NETWORKS: a discursive analysis", discusses the use of politically correct language in society - its history and influence in contemporary times - taking the scope of social networks as a cut. Today, everyone can express opinions and ideologies. In the cyberspace, there's no practice. It doesn't have a delimitation about what is held to be correct, acceptable or wise. The convictions of each one are openly demonstrated. A tendency, however, named "Politically Correct", presupposes neutrality and abstention in dealing with several issues, while at the same time seeking to disseminate behavioral and understanding patterns. Currently, social networks are the stage for many of these debates, in which the victorious side, whatever, depends of the users's support, acting as an effervescent audience.

Keywords: *Politically Correct. Social networks. Discourse analysis.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Torcedoras do Bahia.....	28
Figura 02 – Reação dos leitores.....	29
Figura 03 – Vencedora do Miss Brasil 2017.....	30
Figura 04 – Reação dos internautas.....	31
Figura 05 – Propaganda da Dove acusada de racismo.....	32
Figura 06 – Debates dos usuários.....	33
Figura 07 – Propaganda de papel higiênico preto.....	34
Figura 08 – O escritor Anderson França se manifesta.....	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 A LINGUAGEM POLITICAMENTE CORRETA.....	13
2.1 O politicamente correto e ideologia.....	16
2.2 Interações e redes sociais.....	18
2.3 Hipertexto e Internet.....	20
3 ANÁLISE DE DISCURSO.....	21
3.1 O processo discursivo.....	23
4 AS FERRAMENTAS DIGITAIS E O FACEBOOK.....	24
4.1 O poder dos <i>likes</i> , compartilhamentos e comentários.....	26
5 O POLITICAMENTE CORRETO NO FACEBOOK: ANÁLISE DE CASO.....	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	14

1 INTRODUÇÃO

Existem, na bibliografia e nos meios de comunicação, várias de teorias acerca do surgimento do termo *politicamente correto*. Alguns creem que surgiu na religião, no catolicismo em específico, quando um dos critérios para ser incluso no “*Index Librorum Prohibitorum*”, o Índice dos Livros Proibidos, era o da “incorreção política”, que significava discordar com as ideias políticas da Igreja.

Alguns autores como Braga (2011) afirmam que o *politicamente correto* surgiu quando Marx redigiu o “Manifesto Comunista” – o “marxismo cultural” que considerava os trabalhadores como os “bons” e a burguesia e os capitalistas, os “maus”. Nesta época já era utilizada a desconstrução filosófica e epistemológica, removendo o significado de um texto para se colocar o sentido que se pretende dar, eliminando o seu significado, substituindo por outro sentido pretendido.

Acredita-se, por parte de alguns autores, que a expressão surgiu na China nos anos 30, para remeter à estrita conformidade com a linha rígida ditada por Mao Tsé-Tung (HORTA, 2011).

Embora haja controvérsias sobre o surgimento da expressão, nota-se um certo consenso acerca de que o movimento do *politicamente correto* tenha tomado grande força nos Estados Unidos no final dos anos 60, cenário em que o sentido utilizado pela expressão atualmente surgiu.

Naquela época, estudantes das universidades americanas acolheram a defesa dos direitos civis, entre eles, das mulheres e dos negros, por exemplo. Foi um período de mudanças sociais: as empresas e instituições de ensino, antes ocupadas somente por homens (brancos) viam chegar negros, gays, mulheres e imigrantes. Foi preciso desenvolver medidas de convivência.

A partir daí, algumas expressões foram remodeladas: negro se tornou *african-american*, (“afro-americano”), *faggot* (“bicha”) foi trocado por *gay* (“alegre”). A contradição estava na defesa dos direitos das minorias frente à limitação da liberdade de expressão.

A próxima etapa viria nos anos 90 no fim do comunismo, que derrotou os grupos de esquerda. Antes, a procura pela igualdade era diminuir a questão das classes sociais que se tornou, depois, a eliminação da “pessoalidade”. O objetivo era não condenar as pessoas por aquilo que eram. Desse modo, o combate contra o racismo e o sexismo não

era suficiente. “Opção sexual” se tornou “orientação sexual” e o “drogado” se tornou “dependente químico”, por exemplo. A máxima para este caso, por sua vez, é taxativa: o direito termina onde começa o do outro. Se o próximo se sente ofendido, não se pode falar.

Sob o prisma da rede social, o Facebook, cabe questionar: a linguagem politicamente correta esboçada em tal ambiente é, de fato, um pensamento retrógrado ou um mecanismo para aplacar a evolução do pensamento da sociedade? Foram analisadas postagens – noticiosas, em sua maioria – no Facebook entre agosto e novembro deste ano, onde os comentários com maior repercussão em cada *post* foram questionados acerca da expressão do politicamente correto pelos internautas. Serão empregadas as metodologias bibliográficas, baseando-se no conhecimento existente sobre o tema, e a qualitativa, analisando os noticiosos e seus desdobramentos hospedados na rede social.

2 A LINGUAGEM POLITICAMENTE CORRETA

Por “Politicamente Correto” entende-se uma onda que se encaixa a vários setores ditando formas de expressar-se ou agir, com a finalidade de combater atitudes discriminatórias – principalmente no que diz respeito às questões étnicas, de gênero e sexuais.

Ainda assim, o alcance do politicamente correto vai adiante, procurando, segundo o autor Sírio Possenti, “tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado” (POSSENTI, 1995, p. 125).

Fenômeno recente em nossa cultura, a linguagem politicamente correta vai ao encontro de debates sobre os limites da liberdade de expressão atualmente. De um lado, estão os adeptos do politicamente correto como um “caminho para a civilidade”; de outro, há quem aponte que o politicamente correto representa uma forma de maneira tímida. E, mais tarde, a palavra escrita se juntaria à imagem, transformando-se então em uma nova expressão artística e de linguagem.

O “politicamente correto” é uma tentativa de solucionar, através de ações da língua ou de representação simbólica, uma questão centenária marcada por exclusões e posições sociais imutáveis. É, então, uma tentativa de “incluir”, para apagar vestígios que poderiam aparecer como “preconceituosos” e combatidos socialmente. Porém, essa prática tem duas vertentes: de um lado colabora para a criação e disseminação de novos discursos que ajudam na diminuição gradativa de preconceitos, mas, do outro lado, pode se fazer como “maquiagem” para a realidade: representada como inclusiva, é apenas uma construção simbólica, eufemismos, que difere do observado no dia a dia, na vida real.

Levando em conta como referencial teórico fundamental, as assertivas de Michel Foucault sobre a análise do discurso (FOUCAULT, 2008), entende-se os noticiosos veiculados nas redes sociais como pontos iniciais para identificar palcos culturais e condições sócio-históricas que dão notoriedade a conceitos em torno do politicamente correto.

No choque de diferentes discursos sobre o valor semântico das palavras, nota-se a “rivalidade” em torno das questões politicamente corretas. Segundo Sírio Possenti,

Esta dupla posição em relação ao peso das palavras – peso que seria intrinsecamente seu, segundo uma hipótese, ou que derivaria dos discursos nos quais são enunciadas, segundo outra – mostra claramente a relevância do problema em questão e a diferença entre as hipóteses que tentam explicar o que ocorre no domínio do sentido (POSSENTI, 1995, p. 131).

A manipulação e os preconceitos, que aparentam ser minimizados pelo “politicamente correto”, se evidenciam pelo fato de que nem todos os grupos sociais possuem a mesma chance de uso midiático, devido a questões socioeconômicas, políticas e culturais. A pluralidade de vozes é amplamente discutida, em prol da democratização da informática e da comunicação, em dar voz às minorias, em respeito às diversidades e em combate ao preconceito. Como diz José Luiz Fiorin, “a linguagem politicamente correta aparece como expressão de uma visibilidade adquirida que revela a força de grupos e minorias sociais, outrora “discriminadas, ridicularizadas, desconsideradas” (FIORIN, 2008, s/p.).

A função do politicamente correto é a de libertar. Como aponta José Luiz Fiorin, “A ideia é que, alterando-se a linguagem, mudam-se as atitudes discriminatórias” (FIORIN, 2008, s./p.).

Vale salientar que o caráter preconceituoso ou discriminatório de determinados verbetes, bem como sua força de reafirmar arquétipos, provém de questões sociais criadas no imaginário (como os estereótipos, por exemplo) e transportadas pela linguagem. Nenhuma palavra é isenta de sentido. Segundo Yaguello,

Todo signo é ideológico [...] O signo e a situação social estão indissolúvelmente ligados [...] A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações da vida social. Para ele, a palavra veicula, de maneira privilegiada, a ideologia; a ideologia é uma superestrutura, as transformações sociais da base refletem-se na ideologia (YAGUELLO, 1988, pp. 16-17).

Neste ponto de vista, existe uma ligação entre a palavra e a situação social. Além de carregar de uma ideologia, carrega também todos os atos de assimilação e interpretação da vida. Para além, o ato de enunciar é da natureza da sociedade. Os enunciadores filtram as palavras a partir de um “estoque social” de signos disponíveis, e a própria utilização deste em uma situação concreta de fala é ditada pelas relações sociais (BAKHTIN, 1988, p. 113).

O fato da linguagem portar ideologias, por vezes discriminatórias e preconceituosas, liga-se à presença de formas de violentar que, ao invés de se fazerem por contato físico, realizam-se por meio do signo. Segundo Pierre Bourdieu, há o conceito de “violência simbólica”.

A violência simbólica é essa violência que extorpe submissões que não são elas mesmas percebidas como tais, apoiando-se sobre as 'expectativas coletivas', as crenças socialmente inculcadas. Como a teoria da magia, a teoria da violência simbólica repousa sobre uma teoria da crença, ou melhor, sobre uma teoria da produção da crença, do trabalho de socialização necessário para produzir agentes dotados de esquemas de percepção e apreciação que lhes permitirão perceber as injunções inscritas em uma situação ou em um discurso e de obedecer-lhes (BOURDIEU, 1994, p. 188).

Renato Janine Ribeiro cita o politicamente correto como uma doutrina, vinda dos Estados Unidos, que fortaleceu-se em meios intelectuais que lutavam pelas minorias. Seu firmamento é a ideia de que é incorreto ou “condenável” o uso de termos que conotem preconceitos (RIBEIRO, 2000, p. 26).

No entanto, o conceito de “politicamente correto” está longe de ser unânime. Nos tempos atuais, é descrito de formas distintas: é tida como referencial por conservadores e como defasada por liberais, os quais acreditam que os simpatizantes de ideais politicamente corretos são demasiado sensíveis, mantêm direitos intoleráveis, ultrapassados, supérfluos para a época e que estorvam debates “saudáveis” na sociedade. Mais além, para os críticos fervorosos da linguagem politicamente correta, os militantes da ideologia politicamente correta são pessoas avessas à evolução dos costumes e que freiam a inovação.

As formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas. Assim, os sentidos são determinados de modo ideológico. Tudo o que se diz tem um viés ideológico em relação a outro. Não está no cerne, mas na maneira como, no discurso, a ideologia causa seus efeitos, instalando-se nele. O estudo do discurso mostra a maneira como a linguagem e a ideologia se entropem e se afetam em sua relação de reciprocidade (ORLANDI, 2003, p. 43).

2.1 O politicamente correto e a ideologia

Semprini (1999) assegura que quaisquer soluções linguísticas impostas de maneira categórica correm o risco de bater de frente contra hábitos e práticas dos falantes daquela língua”. O autor também mostra as duas linhas existentes e que se contradizem em relação à teoria da linguagem e aos questionamentos do *politicamente correto*.

A primeira linha mostra que os que estão contra o *politicamente correto* aderem a uma posição de referência: são contra a sentinela da língua que o *politicamente correto* propõe – linguagem é uma ferramenta, uma tecnologia mental que permite nomear objetos e condições do mundo; o dever da linguagem é dar nome e independência dos dois planos: a realidade e as palavras que descrevem.

Para estes rivais, o *politicamente correto* não tem serventia, já que qualquer solução de linguagem, por ventura imposta, poderá chocar-se com os hábitos e práticas dos falantes de tal idioma; além disso, a questão prática ficaria restrita: por exemplo, um cego não deixará de ser cego se for chamado de deficiente visual. A língua registra uma situação de disparidade no âmbito social, ou seja, alterações na linguagem não vão mudar a realidade social. A segunda linha, por sua vez, é a dos que defendem o *politicamente correto*. É aderida à ideia de que a relação entre língua e realidade não é neutra, pois a linguagem interfere no nosso conhecimento e em nossas representações do espaço. Na linguagem as relações de dominação e exclusão se solidificam, são negociadas e criadas, desempenhando uma função ativa na produção da realidade, modificando o olhar que uma determinada sociedade tem de si e dos grupos que a constituem. A mudança de um verbete pode influenciar o entendimento dos envolvidos para outros rumos. Um surdo, por exemplo, não será menos surdo se for chamado de deficiente auditivo, mas essa terminologia pode mudar a percepção que as pessoas têm da surdez.

Em seu projeto de expurgar a língua de todos os termos desrespeitosos aos indivíduos ou minorias, o “pc” depara-se com uma grande dificuldade: encontrar as palavras mais adequadas. Palavras capazes de designar os indivíduos ou os estados do mundo de modo estritamente descritivo, que não apelem para posições pejorativas ou condescendentes. Se estas palavras são difíceis de serem encontradas é porque a linguagem nunca é neutra por definição e não pode deixar de exprimir relações de força, os valores e crenças de uma sociedade (SEMPRINI, 1999, p. 68-69).

Blikstein (1985) reforça que traços de diferenciação e identificação são agentes de discriminação e de seleção e, por fim, adquirem no âmbito da atividade humana, peso positivo ou melhorativo ao invés de um valor negativo ou pejorativo, que se alterarão para traços da ideologia. Assim, vão resultar as “formas” ou corredores semânticos, por onde fluirão as linhas do significado.

O multiculturalismo, atrelado às questões do movimento do *politicamente correto*, traz de acordo com Milani (2009) a questão das diferenças e, essencialmente, a tentativa de “inclusão”, ao afirmar que

[...] o multiculturalismo traz, à sociedade, a necessidade do reconhecimento e do respeito pelas diferenças na tentativa de promover a coexistência do respeito aos indivíduos e aos grupos cuja importância é ignorada e, conseqüentemente, pelo rechaço a atitudes monoculturais de grupos dominantes (Milani, 2009, p. 2).

Logo, é complexo tratar de “correto” e “incorreto”, pois o que há são verbetes e expressões que se adequam, em maior e menor grau às condições de cada situação. Encontra-se, aí, a problemática em determinar se uma expressão (tida como politicamente correta) foi empregada propositalmente a fim de amenizar o efeito prático do que se quer dizer. Cada indivíduo carrega em si seus valores e princípios, obtidos por suas experiências, vertentes discriminatórias e culturais, sendo ele o responsável em filtrar quem ou o que é incluído ou excluído em sua práxis. Demonstra-se, então, que as linguagens sempre irão carregar ideologias e preconceitos.

2.2 Interações e redes sociais

Ao analisar uma rede social na Internet, compreende-se a estrutura dos atores – lê-se internautas – e suas práticas sociais em meio às ferramentas de comunicação mediadas por computadores e smartphones. A abordagem se faz importante pois enfatiza as relações entre os indivíduos no ciberespaço, mostrando que a comunicação mediada pelo computador é capaz de produzir e tornar complexos os laços sociais (GARTON, 1997). As redes sociais na web têm conexões formadas a partir de diferentes meios de interação. Na Internet, por exemplo, é possível participar de uma discussão, ou seja, fazer parte de um grupo social sem interagir de modo direto com seus membros, mas unicamente aproveitar das informações ali estão. É possível, também, interagir com um grupo de usuários do Facebook através dos comentários e, com eles, formar uma rede social.

Percebe-se, portanto, que para assimilar tais redes é necessário entender como se formam e diferenciam as conexões sociais que elas possuem. A interação, a partir de plataforma digital, pode ser percebida de duas formas, de acordo com Primo (2003). A primeira é a interação mútua, que é negociada entre os membros, construída simultaneamente. É o que acontece em um mensageiro instantâneo ou nos

desdobramento de uma discussão no Facebook, por exemplo. A interação reativa, por sua vez, é programada previamente, com opções já estabelecidas, sem opção de criação ou negociação por parte do usuário. A interação reativa ocorre, por exemplo, em votações na Web onde o número de opções é limitado.

Ambas as formas podem ter cunho social, à proporção que podem influenciar e mesmo difundir novas estruturas sociais, partindo das ferramentas proporcionadas pela Internet (RECUERO, 2006). As interações, criadas pelo computador como provedoras de ligações sociais, apenas podem ser compreendidas na medida em que sites como estes e sistemas de comunicação permitem que os personagens criem perfis individualizados no ciberespaço.

Donath (1999) reforça a importância da formação dos indivíduos para que a interação seja possível. Tais perfis de usuário podem vir sob o formato de um site que possibilita aos demais usuários vê-los como um reflexo de um ou mais indivíduos. Através da construção desses perfis, os usuários podem reconhecer-se como indivíduos e interagir. Essas construções proporcionam que a Web aja como um espaço de sociabilidade, onde laços sociais possam vir à tona. Através da interação, são formados os laços sociais que vão conectar os atores nas redes sociais e na cibercultura (WASSERMAN E FAUST, 1994).

O teor das interações ajuda a caracterizar um laço social específico. Granovetter (1973) classifica os laços sociais como fortes e fracos. Os laços fortes seriam aqueles caracterizados pelo grande investimento de tempo, pela criação de intimidade, de confiança, e de reciprocidade. Os laços fracos, ao contrário, possuem menor quantidade desses elementos, caracterizando, relações menos profundas, não traduzindo proximidade ou intimidade, e apenas relações esparsas, com muitas trocas sociais, incluídas as existentes no ciberespaço.

Os laços sociais formados a partir da interação via computador podem também ser fortes ou fracos. Elementos como confiança e reciprocidade, e até mesmo a formação de comunidades na esfera virtual também são observados em grupos construídos pela comunicação feita através de computador. Tal agrupamento é associado, comumente, a laços mais fortes (RHEINGOLD, 1995; RECUERO, 2002). Já laços que ligam indivíduos sem reciprocidade e com pouco respaldo social são habitualmente mais fracos.

Há outra concepção de laços sociais, citada por Breiger (1974). Segundo o autor, existem dois tipos de laços sociais: os chamados laços relacionais, que provêm da interação social; e os laços associativos, advindos do pertencimento a um grupo. No primeiro, o laço surge nas trocas entre os indivíduos. No outro, origina-se de um vínculo material entre um indivíduo e uma nação. Esses laços não dependem de modo direto da interação.

A interação mútua e a reativa, na Internet, são formadoras de laços sociais, que se enquadrariam no tipo relacional. No entanto, a interação mútua denota um tipo diferente de pertencimento. O pertencimento é compreendido como a sensação que une os atores através dos laços sociais, que faz com que estes sintam-se parte do grupo. Já na interação social mútua, o pertencimento remete a um grupo emergente, embasando-se nas trocas sociais. Este aborda um pertencimento relacional, semelhante ao laço relacional de Breiger.

Muitas das comunidades que surgem nas redes sociais são desta forma. É necessário trocar comentários e criar laços para que apoio e capital social sejam recebidos. De outro lado, porém, há grupos nos quais o pertencimento baseia-se em identificar o usuário com o grupo, mais do que na interação social que cabe ali. É o caso, por exemplo, de muitos grupos no Facebook onde, apesar de milhares de usuários, há pouca interação. Tem-se, na verdade, o fato de que o pertencimento do usuário tem relação com o assunto do grupo e não com as pessoas que fazem parte dele. Os vínculos sociais firmados no ciberespaço têm características diferentes, baseadas a partir da apropriação das pessoas à tecnologia.

2.3 Hipertexto e Internet

O conceito de hipertexto remete à não linearidade. No entanto, antes do advento da informática, já havia métodos que tornavam possível leitura não linear, os sumários, as notas de rodapé e as referências bibliográficas.

O hipertexto trouxe um novo jeito de escrita e leitura, em que se mesclam os papéis de leitores e autores. O leitor é membro ativo na produção do documento que lê, com a chance de, até, mudar os rumos pretendidos pelo autor, interligando muitos documentos, como se criasse um novo hipertexto a partir dessas junções. Os

pensamentos não estão mais atrelados a uma só página: o acesso de vários documentos, de modo cruzado, é permitido. Segundo Lévy (1999) “com o hipertexto, toda leitura é uma escrita potencial”.

A interatividade é característica do hipertexto. Nos meios de comunicação de massa, especialmente a imprensa, a propagação das informações se dá de modo parcial, impondo, na maioria das vezes, o parecer dos grandes empresários – donos das grandes emissoras – sem abertura para réplicas, críticas ou oposição de ideologias. Já nos documentos sob o molde do hipertexto, disponíveis online, o trânsito das informações pode ser mudado ou pausado quando o usuário desejar e, além disso, existe a troca mútua de informações entre os participantes. Os hipertextos derivam de escolhas individuais, ou seja, cada um pode firmar um novo texto a cada vez que se acessa um link. Se o hipertexto for aberto, pode adicionar seus próprios links, ressalvas e imagens ao hipertexto original. O grau de interatividade dos hipertextos permite que, criações de vários autores, em que conhecimentos de vários indivíduos podem ser associados, de forma quase instantânea.

É possível também que, na Internet, qualquer um exponha seus pontos de vista, sem restrições, em documentos hipertexto elaborados por ele, com livre acesso. É evidente que a Internet, com seu viés intertextual, provoque outras consequências sociais.

3 ANÁLISE DE DISCURSO

De acordo com Bakhtin (2006), os gêneros discursivos são formados por situações de trocas verbais que, por serem infinitas, resultam em gêneros variados. Portanto, a cada novo contato verbal, surge um novo gênero de discurso que, por seu turno, é reflexo do contexto dessa situação, através da junção de três elementos: o tema, o estilo e a construção composicional. Todavia, tais elementos, que permitem uniformidades dentro de um mesmo gênero, necessitam estar ligados “ao conjunto de fatores da prática enunciativa”.

Segundo Maingueneau (1997), interdiscursividade é um grupo de discursos que se relacionam discursivamente entre si, ou seja, termos de outros meios ou discursos,

atuando numa relação discursiva, não necessariamente conflituosa, num determinado discurso. Para o autor, o foco de estudo é o interdiscurso, pois denota um espaço de câmbio entre vários discursos selecionados, em determinada situação discursiva.

Maingueneau (1997), distingue campo, espaço discursivo e universo. O discurso se faz dentro do campo discursivo (conjunto de formações discursivas) e que, limitado a um grupo de formações discursivas, possibilita uma dispersão de texto com certa frequência entre eles. Porém, reconhece ser necessário ao analista o isolamento dos espaços discursivos, ao investigar tal regularidade.

A identidade discursiva, segundo Maingueneau (2007), forma-se através de relações interdiscursivas, que firmam uma interação semântica entre os discursos, ou seja, diretrizes que definem o quão específica é uma enunciação, baseada numa coerência “global”. Portanto, não apanha-se o discurso privilegiando um ou outro dentre seus práticas, mas interligando-os, na ordem do enunciado e da enunciação.

A análise de discurso permite estudar os enunciados para além de sua essência linguística, já que inclui também o contexto histórico e social do enunciador. A obra do autor Zellig Harris, *Discourse Analysis*, de 1952, é tida como o ponto de partida da análise do discurso, já que nela Harris descreve um método de análise para além de uma simples sentença. O trabalho da análise do discurso é, ainda, uma extensão da linguística já que utiliza procedimentos de análise de unidades da língua aos enunciados, se distanciando de qualquer meditação sobre o significado e as considerações de produção, que diferenciam a atual análise de discurso.

Na década de 60, no entanto, houve um contexto intelectual que se mostrou rompido por duas vertentes: a primeira, a evolução da linguística, em que a linguagem se tornou um campo de estudo muito complexo para estar restrita ao modelo saussuriano, isto é, o sentido não é tomado apenas como conteúdo, mas redireciona-se a análise para como um texto funciona; e depois, a mudança no modo como os intelectuais idealizam a “leitura”. A leitura deixa de ser decodificação e se torna construção de um dispositivo teórico. A semântica, o social, a ideologia, o sujeito, a história e a fala são trazidos para debates linguísticos. Surge, então, a Análise de Discurso Francesa. A Análise de Discurso começa a apresentar a questão da interpretação – a interpretação é questionada. A impossibilidade de se ter acesso a um sentido escondido em algum lugar atrás do texto é reconhecida. “Busca-se o

entendimento da língua não só como estrutura, mas sobretudo, como acontecimento”, conforme Orlandi (2007).

Segundo Pêcheux, o nascimento da Análise de Discurso foi embasado em três fatores: o materialismo histórico, para justificar as formações sociais; a linguística, para explicar os processos de enunciação; e a teoria do sujeito, para explicar a subjetividade e a relação do sujeito com o simbólico. O discurso é um objeto de estudo sem fronteiras delimitadas e sustenta-se sob a tríade – linguística, histórica e sociológica. Surge aí a noção de formação discursiva, que segundo Foucault (2005) consiste em “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa”.

Nesse ângulo, a formação discursiva, mediada pela formação ideológica – visão de mundo por uma determinada classe social -, determina o que pode e deve ser dito com base em uma posição dada. Em virtude da nova forma de processo discursivo, a noção de sujeito da enunciação, por sua vez, se modifica. Dado que esse sujeito faz vários papéis em diferentes espaços discursivos, ele mostra-se dividido e heterogêneo.

O sentido das palavras é dado no interior da formação discursiva, onde são produzidas, o que afirma o lado material do sentido e do discurso. Não há homogeneidade numa formação discursiva, como explica Brandão (1993)

Uma formação discursiva é, portanto, heterogênea a ela própria: o fechamento de formação discursiva é fundamentalmente instável, ela não consiste em um limite traçado de forma definitiva, separando um exterior de um interior, mas se inscreve entre diversas formações discursivas como uma fronteira que se desloca em função dos embates da luta ideológica (BRANDÃO, 1993, s/p).

3.1 O processo discursivo

O processo discursivo é formado pela relação conflituosa (ou não) travada na busca por espaço das diferentes formações discursivas. Como resultado, o indivíduo define-se através de onde fala, lugar de representação social ao desempenhar seus papéis, mostrando, assim, seu posicionamento ideológico. Deste modo, o analista correlaciona a linguagem ao que há de fora, ou seja, leva em conta o homem na sua história, na produção linguística por meio do estudo da relação entre a língua, e os sujeitos que a falam e em que situação é falada.

Levando em conta que a linguagem não é transparente, a Análise de Discurso indaga o significado de um texto, uma vez que a verdade é uma construção de discurso. A naturalidade é, no real, uma ilusão, dentro do discurso. Sendo assim, a análise de discurso ocupa um lugar onde o acesso direto ao discurso é impedido e, dessa forma, característica, considera o questionamento em si como objeto de reflexão.

Procurar o sentido formado a partir da materialidade histórica e linguística é a essência da Análise de Discurso, ou seja, não se limitar somente aos verbetes, pois os sentidos estão ligados, de modo intrínseco ao meio exterior e o modo como foram produzidos. De acordo com Orlandi (2007):

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição do sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim? e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala? É pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras (ORLANDI, 2007, p.40).

A linguagem, nesse ponto de vista, é firmada entre o igual e o diferente – entre a paráfrase e a polissemia. Paráfrase denota a retomada dos dizeres para a atualização das palavras já faladas – um novo significado devido à polissemia, isto é, dar novos sentidos aos dizeres, através da criatividade. Segundo Maingueneau (1997), a parafrasegagem ocupa posição importante na Análise de Discurso:

Fingindo dizer diferentemente a “mesma coisa” para restituir uma equivalência preexistente, a paráfrase, abre na realidade, o bem-estar que pretende absorver, ela define uma rede de desvios cuja figura desenha a identidade de uma formação discursiva (MAINGENEAU, 1997, p. 96).

Nessa perspectiva, é dever da Análise de Discurso detectar as marcas que podem determinar as estruturas de uma linha discursiva e que, mesmo não identificadas de forma pontual, atuam como norte que, teoricamente, exprimem as formações de discurso resultantes de uma formação ideológica. Segundo Orlandi (2007),

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. (ORLANDI, 2007, p.30).

Ainda de acordo com Orlandi (2007) a distinção entre discurso e texto mostra que, o alicerce da Análise do Discurso, se dá como o texto firma a relação entre língua e a história de significação do sujeito em sua relação com o mundo (natureza histórico/linguística). É na relação texto-discurso, e mostrando como o discurso se dá com as formações discursivas, ligadas à ideologia, que se alcança o processo discursivo, responsável pela maneira como o texto, de fato, significa. Assimilar os trâmites de produção de sentidos e de concepção dos sujeitos, em suas respectivas posições, é o que a Análise do Discurso apresenta como resultado.

4 AS NOVAS FERRAMENTAS DIGITAIS E O FACEBOOK

O ambiente comunicacional onde estão presentes as mídias digitais tem a interatividade como base, já que a procura por novas formas de interação e participação é, a cada dia, mais viável pelas novas ferramentas tecnológicas. O Facebook possibilita uma complexa forma de interação social, em que signos distintos se correlacionam para formar a mensagem. Assim, a ideia de texto vai além dos limites da língua, ao se associar com outras semióticas.

Hoje, o Facebook tem 1,23 bilhão de usuários, recebe diariamente 4,75 bilhões de conteúdos, fatura 7,8 bilhões de dólares ao ano e possui 6.336 funcionários espalhados em 36 escritórios ao redor do planeta. Nessa década, chegou aonde nenhuma outra rede virtual ousou ir (MySpace que o diga...) e superou grandes desafios, como a migração acelerada dos usuários dos tradicionais desktops para os dispositivos móveis (VEJA ON LINE, 2014).

Os usuários do Facebook gastam 1500 bilhões de minutos por mês acessando o Facebook, e, em média, cada usuário tem 230 amigos. Hoje existem mais de 1,5 bilhão de usuários ativos, que acessam a rede social através de seus smartphones duas vezes mais que os usuários de desktop (VEJA ON LINE, 2014).

O homem, no papel de ser social, tem uma necessidade inata de se comunicar, vista pelas várias formas de linguagem (a fala e a escrita, por exemplo), códigos e formas de construção linguística. Tais formatos de comunicação resultam de evoluções dos sistemas de linguagem. (RECUERO, 2009)

Nesse cenário, o desenvolvimento das tecnologias da comunicação surgidas com a Internet possibilitou uma mudança considerável na maneira como o homem comunica e interage em um contexto social, sobretudo, por meio das redes sociais virtuais (CASTELLS, 2009). Assim, a interação simultânea tornou-se realidade, em que os

indivíduos puderam romper fronteiras geográficas, de tempo e idioma, o que antes dificultavam os trâmites da comunicação.

Em sua abordagem acerca da cibercultura, Pierre Levy diz que a necessidade de uma sociedade interligada, a nível mundial, por meio de redes de comunicação, tornou possível aos usuários a chance de se comunicarem e interagirem de modo democrático e aberto, firmando novamente a ideia de que os homens convivem em uma “aldeia global” (LEVY, 1999).

As evoluções tecnológicas notadas na comunicação trouxeram uma nova maneira de ser social, que satisfaz a necessidade de expressão do homem por meio da troca de conteúdos e informações digitais, e do diálogo com outras pessoas reais, muitas vezes, apenas no meio virtual.

Tal necessidade do usuário em expor suas opiniões e dividi-las com outros conectados à Internet abriu espaço para o surgimento de uma “nova esfera linguística”. A mudança causada por essa nova linguagem é profunda e já consolidada no dia a dia da sociedade contemporânea.

O *Facebook* é uma rede social em que uma pessoa, chamado de usuário, posta informações em seu perfil por meio de diferentes recursos – acessadas por um grupo de pessoas determinadas por ele, chamadas de amigos e/ou seguidores – que interagem mutuamente, produzindo novos conteúdos. Todos os usuários são, ao mesmo tempo, moderadores, quando postam comentários em seu próprio perfil e, também, seguidores, quando postam informações nos perfis de outros usuários.

É empregado, neste caso, o conceito de semiose ao indicar os signos verbais, imagens e sons como principais tipos de semioses encontrados nos gêneros digitais emergentes, como o Facebook (MARCUSCHI, 2002). A rede criada por Mark Zuckerberg possibilita, por meio de sua plataforma colaborativa, várias formas de interação social, em quatro semioses: a escrita; a postagem de fotos, material audiovisual; a conexão entre outras plataformas digitais por meio da postagem de links e a comunicação não verbal, menos explorada em outras redes sociais.

Uma semiose encontrada nesse gênero digital emergente é constituída pelas ferramentas “compartilhar”, “cutucar” e a mais utilizada, a “curtir”. São opções comunicacionais exclusivas do Facebook e significam uma forma de comunicação não-escrita e não-verbal, vindas do mundo físico para o mundo virtual. Por meio delas, os

usuários conseguem, respectivamente: repassar as informações para que mais pessoas tenham acesso; chamar a atenção de outros usuários e emitir suas opiniões com um clique, mostrando ter gostado de determinado conteúdo.

4.1 O poder dos *likes*, compartilhamentos e comentários

O botão “curtir” é tido como uma maneira de participar de uma conversa, sem necessariamente, elaborar uma resposta. O usuário inteira-se do assunto, tem sua participação visível, com uma ação mínima, já que o ator, em tese, não precisa ler tudo o que foi dito. É uma forma de participar das discussões mostrando que a mensagem foi recebida.

Além do mais, ao “curtir” alguma publicação, os usuários passam a ter seus nomes vinculados a ela e expõe a toda a sua rede social que a mensagem foi “curtida”. Nesse aspecto, o ato de “curtir” algo tem vários sentidos. Primeiro, seria uma forma de expor opiniões na rede social, com menos comprometimento, pois não há dizeres para mostrar a participação do ator. Depois, é tido como forma de apoio e de se tornar visível, já que assim, o usuário mostra para a rede que se está ali. Se constituem duas formas de capital social, centradas na propagação da informação para a rede social e na difusão do apoio e/ou contato entre os dois usuários da conversação (formas de capital social de primeiro nível), como afirmam Bertolini e Bravo (2004).

A ferramenta “compartilhar”, por outro lado, possui outras funções e valores associados. Seu principal papel parece ser o de dar visibilidade para a conversação, mensagem ou publicação, ampliando seu alcance.

Os comentários, por sua vez, possuem uma essência mais conversacional. Trata-se de mensagens, transformáveis em réplica ou tréplica, que são agregadas através do botão da postagem original. São visíveis para o autor da postagem quanto para os demais usuários, atores que “curtem” e compartilhem a mensagem e suas redes sociais. É uma ação que mostra, além da participação, uma colaboração mais efetiva e concreta para o debate.

O comentário, assim sendo, expõe mais o usuário e apresenta mais engajamento com a conversação. O que é dito pode, facilmente, ser descontextualizado quando divulgado em outras redes, por meio das ferramentas de curtida, compartilhamento e mesmo de comentário. Essa eventual distorção das ideias impressas no comentário são

como um “risco” e levam muitos usuários a “curtir” ao invés de comentar a postagem, já que a “exposição ideológica”, neste caso, é menor.

5 O POLITICAMENTE CORRETO NO FACEBOOK: ANÁLISE DE CASO

A rede social criada por Zuckerberg em 2004, para além de conectar os usuários onde quer que estejam, através de seus vários recursos, passou a servir, na atualidade, como cenário para discussões ideológicas. Diferentes posicionamentos, referentes à política, questões de gênero e raciais, por exemplo, são demonstrados quando os usuários se deparam com algum *post*. Tais opiniões são emitidas de acordo com as ideias e valores de cada indivíduo, calcadas na produção simbólica adquirida. Como afirma Marilena Chauí,

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer (CHAUÍ, 2008).

Em agosto deste ano, uma imagem de cunho racista se espalhou por grupos de WhatsApp: uma montagem com a foto de duas torcedoras negras do Bahia, acima de outra com cinco torcedoras brancas do Grêmio, com a legenda “Ainda tem gente que acha que time é tudo igual”. Edna Matos, a torcedora do Bahia que aparece ao lado da filha nas arquibancadas da Fonte Nova, tomou conhecimento do fato e denunciou o crime.



Figura 1 - Torcedoras do Bahia

A vítima, à época, rejeitou totalmente a ideia de que a montagem se referia apenas a questões estéticas. “Não tem essa questão de beleza, quem acha isso não está enxergando ou não quer enxergar. Ali está embutida a ideia de que uma raça é mais bonita que a outra, que o nordestino é feio, pobre, inferior e preto, em sua grande maioria... e também o machismo, como se a mulher servisse só para enfeitar a torcida e não para torcer por um time.”, disse ela. Como afirma Sueli Carneiro,

Para alguns brancos (e outros que assim se supõem), parece só haver um jeito suportável de ser negro: aquele ligado ao fracasso, à vulnerabilidade, ao servilismo, à dependência e à inferioridade introjetada. Negros e negras fortes, ativos e vencedores parecem um insulto para esses brancos. [...] (CARNEIRO, 2011, p. 124).

Em réplica aos noticiosos presentes no Facebook, alguns comentários, com traços do discurso politicamente correto, lideraram as reações entre os mais “curtidos”, na tentativa de isentar os autores da montagem de qualquer atitude racista.



Figura 2 - Reações dos leitores

Outro caso, alvo de grande notoriedade por parte da mídia nacional, foi o concurso de Miss Brasil 2017. A piauiense Monalysa Alcântara foi eleita a 62^o Miss Brasil e a 3^a candidata negra a ganhar a coroa, em cerimônia ocorrida em 19 de agosto de 2017.

veja VEJA
2 h •

A estudante de 18 anos é a terceira negra na história do concurso a ganhar o título




A piauiense Monalysa Alcântara é eleita Missa Brasil 2017


veja.abril.com.br

5.415 1.452 comentários • 284 compartilhamentos

Figura 3 - Vencedora do Miss Brasil 2017

No Facebook, a maioria dos comentários se referia ao fato de Monalysa ter vencido a gaúcha Juliana Mueller, caucasiana e segunda colocada. No topo dos debates, em uma publicação noticiosa da revista Veja, usuários da rede social atribuíram a vitória da jovem ao movimento politicamente correto que, no texto, tem a finalidade de amenizar a “falta de visibilidade” de supostas minorias.


👍👍👍 5.415 > 


 **Francisco Alves**
Depois do "Politicamente correto" só as "menos bonitas" ganham, na tentativa de agradar os "mimimi's..."

Pensei em dizer que a gaúcha era mais bonita SIM. Mas creio que seria preconceito. Né?! 😊

Há 2 horas · Curtir · Responder ·
👍👍👍 866

Ver 150 respostas anteriores

 **Eliane Tiago** Concordo caro Francisco!!!...

 **Luiza Andrade**
Hoje em dia ter uma opinião diferente, automaticamente vc é taxado de preconceituosa, mas mesmo assim vou expor minha opinião, ela não é a mais bonita

Há 2 horas · Curtir · Responder ·
👍👍👍 409

Ver 42 respostas anteriores


 **Adrianne Lima** Tem dedo da nova ordem...

Figura 4 - Reações dos internautas

No senso comum, quando a mulher negra ascende socialmente, o fato é amplamente divulgado e alvo de repercussão, ainda que a maioria das pessoas não se classifique preconceituosa, elas se contradizem ao tratar o caso como algo fora do comum. São fatos que devem sim ser comemorados, porém, a ascensão da mulher negra deveria fazer parte do dia a dia, habitual. Membro de dois grupos sociais marginalizados, das mulheres e dos negros, a mulher negra sofre vários tipos de violência, em muitos contextos sociais, a nível mundial.

De regra, considera-se satisfatório que, em um conjunto de aproximadamente metade da população feminina do país, apenas uma ou outra negra ocupe posição de importância. E, ademais, esses casos solitários são emblemas utilizados para desqualificar as denúncias de exclusão racial [...] (CARNEIRO, 2011, p. 119).

Já em outubro deste ano, a marca de produtos de higiene pessoal Dove lançou um vídeo, como propaganda de um sabão corporal. A sequência mostrava uma mulher

negra tornando-se branca ao retirar sua camiseta. Em seguida, a mulher branca transformava-se em outra, também de pele clara. A marca de cosméticos Dove se desculpou, após a peça publicitária no Facebook ser acusada de racismo. Houve críticas por parte dos usuários nas redes sociais. A propaganda foi retirada do ar, e a marca disse que a imagem “errou o alvo de representar cuidadosamente mulheres de cor”. “Nós lamentamos profundamente a ofensa que isto causou”, disse à imprensa.



Figura 5 - Propaganda da Dove acusada de racismo

No Brasil, porém, a divulgação da matéria nas redes sociais se referiu ao politicamente correto através de outra vertente. As reações nos noticiosos indicaram que a pretensão do “PC” não foi atenuar os efeitos de uma linguagem agressiva e discriminatória, mas atribuir à propaganda, a primeira vista, uma suposta insinuação racista. Deste lado da discussão, estão os que apontam o politicamente correto como maneira de vedar a liberdade da expressão, produzindo efeitos sobre diversos campos de manifestação cultural (POSSENTI, 1995, p. 126). Tal posicionamento está associado à ideia da linguagem politicamente correta como forma de restrição da liberdade de expressão. Segue a linha do “hoje não se pode dizer mais nada”, estabelecendo, nesse viés, uma forma atual e menos explícita de censura.



Francisco Júnior

Vivendo em um país onde tudo é considerado racismo, preconceito, e machismo. Só queria saber aonde vamos parar com tanto "politicamente correto". Daqui mais uns dias, você recusar comprar algo de uma pessoa negra você vai ser acusado de racismo!

9 de out às 10:02 · Curtir · Responder ·

262

Ver 48 respostas anteriores



Jesse Oliveira Carneiro Tente não alugar...



Luciano Nascy

De boa... Não há nada de racismo nesta propaganda. O que vemos aí é um coitadismo mundial, onde tudo agora se baseiam em racismo e preconceito... Parem que já tá chato viver neste planeta!

9 de out às 10:07 · Curtir · Responder ·

152

Ver 22 respostas anteriores

Figura 6 - Debates dos usuários

Em outubro, a empresa Santher foi acusada de racismo pela campanha publicitária feita para o papel higiênico, em cor preta, Personal Vip Black. A atriz Marina Ruy Barbosa estrelou o comercial. Muitos usuários no Facebook questionaram tanto o fato de uma mulher branca protagonizar a peça publicitária quanto o uso do slogan 'Black is Beautiful' (em português, preto é lindo), usado pelo movimento negro americano nos anos 60.



Figura 7 - Propaganda de papel higiênico preto

A polêmica começou após o escritor Anderson França, conhecido popularmente como “Dinho”, publicar no Facebook um texto sobre a campanha em seu perfil. Após as críticas na internet, a Santher abandonou o slogan 'BlackisBeautiful'. Alguns usuários consideraram racista e de gosto duvidoso o uso do termo criado por ativistas negros americanos para divulgar um papel higiênico.



Figura 8 - O escritor Anderson França se manifesta

Após as críticas na internet, a Santher abandonou o slogan 'BlackisBeautiful'. A marca também pediu "desculpas por eventual associação da frase adotada ao movimento negro" e disse que a retiraria da divulgação da campanha.

Todas as culturas são permeadas por diferentes discursos que, assim como faz o politicamente correto, delimitam o que pode e o que não se pode dizer. As limitações impostas pela própria cultura ao homem se fazem uma forma de censura. Não se impõe pela força, violência nem autoridade. Também não é arbitrária, mas sim, é fruto da subjetividade na cultura.

Segundo Manuel Carlos Chaparro, há, nas democracias ao redor do mundo, uma "censura cultural", que difere da censura política, que é mantida pela força ou arbítrio. Segundo ele, não há cultura sem censura.

A censura cultural funciona na preservação dos modelos e valores estabelecidos em cada país, em cada religião, em cada partido, em cada instituição, em cada família, em cada jornal, separando o que pode ou convém ser dito do que não pode ou não convém dizer, segundo critérios que qualificam o que é ou não perigoso – e isso tanto se aplica aos ambientes reacionários, que rejeitam ideias avançadas, quanto aos ambientes abertos, evoluídos, que repudiam propostas e visões conservadoras (CHAPARRO, 2012, s/p.).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a linguagem politicamente correta, embora abordada neste trabalho em seu âmbito contemporâneo, tem suas origens em décadas passadas, precedentes à era da Internet. É no ciberespaço, lugar onde os indivíduos têm liberdade de opinar e expor suas convicções, até com certa democracia, que o discurso politicamente correto tem sido exercido para defender uma ideologia determinada.

O discurso em si e suas variantes, incluindo o politicamente correto, manifesta-se nos atores de acordo com suas experiências e a carga simbólica adquirida. Não é possível desassociar as ideias do indivíduo e, se este for um usuário da Internet ou das redes sociais, da manifestação delas no meio virtual.

O fato das redes sociais, em especial, o Facebook, fazerem-se um dos principais cenários para a linguagem politicamente correta (e foco da análise apresentada neste trabalho) deve-se à abrangência, com mais de 1 bilhão de usuários mundialmente, a heterogeneidade dos usuários – quanto ao gênero, classe social e faixa etária, por exemplo - e a acessibilidade, já que o número de smartphones em uso no Brasil chega a 168 milhões (o dispositivo é a principal forma de acesso ao Facebook).

Trata-se, de fato, de um pensamento retrógrado ou de um mecanismo para frear a evolução da sociedade? Considera-se uma forma mascarada de censura? A parcialidade é fator primordial considerando o uso da linguagem politicamente correta. Em cada situação, haverá a parte que se sentirá afetada pelo discurso utilizado e, ao replicar alegando ter sido alvo de uma afronta, por exemplo, a réplica será a de que está meramente se apoderando do “pc”. Há, também, aqueles pregam um determinado posicionamento. Outro grupo, naturalmente, diverge. A resposta obtida pode ser a de que o grupo que se opõe discursa de modo politicamente correto. O contexto, sempre subjetivo, pode se inverter, a nível individual ou de grupo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BERTOLINI, S.; BRAVO, G. 2004. **Social capital, a multidimensional concept**. Disponível em: <http://www.ex.ac.uk/shipss/politics/research/socialcapital/other/bertolini.pdf>. Acesso em: 22. out. 2017
- BRAGA, O. **O que é politicamente correto?** Disponível em: <http://espectivas.wordpress.com/o-que-e-o-politicamente-correto/>. Acesso em: 1 out. 2017.
- BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1993.
- BREIGER, R. **The Duality of Persons and Groups**. Social Forces: 1974
- BOURDIEU, P. **Raisons pratiques**. Paris: Seuil, 1994.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011
- CHAPARRO, M. C. “**Censura, fantasma de múltiplas faces**”. In: O xis da questão. 31/07, 2012. Disponível em: http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/2012_7_31_14_7_2_43153.pdf. Acesso em 28. out. 2017.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo. Editora Brasiliense, 2008.
- DONATH, J. S. **Identity and Deception in the Virtual Community**. In: KOLLOCK Peter. E Marc Smith. **Communities in Cyberspace**. New York: Routledge, 1999.
- FIORIN, J. L. “**A linguagem politicamente correta**”. *Linguagem - Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem*, São Carlos, v. 1, 2008. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao01/artigos_alinguagempoliticamentecorreta.htm. Acesso em 30 set. 2017.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GARTON, L.; HAYTHORNTHWAITE, C. e WELLMAN, B. **Studying Online Social Networks**. *Journal of Computer Mediated Communication*, n. 3, vol 1, 1997. Disponível em <http://www.ascusc.org/jcmc/vol3/issue1/garton.html>. Acesso em 02 out. 2017.

GRUDA, M. **“Os discursos do politicamente correto e do humor politicamente incorreto na atualidade”**. Assis: III Colóquio da pós-graduação em Letras, 2011.

HALLACK, G. **Politicamente incorreto é o que dá lucro**. Revista Época, São Paulo. 10 jun. 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed 34, 1999.

MAINGUENEAU, D. **Analisando Discursos Constituintes**. Revista do GELNE, vol. 2, no. 2. Universidade Federal do Ceará, 2000.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997

MARCUSCHI, L.A. **Análise da Conversação**. São Paulo, Editora Ática, 2006.

MILANI, S. O.; GUIMARÃES, J. A. C. **Problemas éticos em representação do conhecimento: uma abordagem teórica**. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação, v. 12, n.1, fev. 2011.

POSSENTI, S. **“linguagem politicamente correta e a análise do discurso**. Revista de Estudos da Linguagem (v. 4, n. 2). Belo Horizonte: UFMG, 1995. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/1016>>. Acesso em 1 de outubro de 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Editora Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. **Sobre a (des)construção das teorias linguísticas**. Línguas e Instrumentos Lingüísticos. Campinas: Pontes, 1999.

PRIMO, A. **Interação Mediada por Computador: A comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional**. Tese de Doutorado. Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

RECUERO, R. **A rede é a mensagem**. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redemensagem.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2017.

RECUERO, R. **Dinâmicas de Redes Sociais no Orkut e Capital Social**. Trabalho apresentado no GT de Internet Comunicación e Sociabilidad do ALAIC, em julho de 2006, São Leopoldo/RS.

RECUERO, R. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, R. J. **“Grandeza e miséria do ‘politicamente correto”**. In: A sociedade contra o social: o alto custo da vida pública no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEMPRINI, A. **O “politicamente correto”**. In: Multiculturalismo. Bauru: EDUSC, 1999.

VEJA ON LINE (Brasil). **Facebook, 10 anos**. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/reportagens-especiais/10-anos-facebook/>> Acesso em: 29-04-2016.

WASSERMAN, S. e FAUST, K. **Social Network Analysis. Methods and Applications**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

YAGUELLO, M. **“Introdução”**. In: BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.